

## **Nipônicos rumo ao oeste: Migração e Memórias de Infância na Vila de Rondônia na década de 1970**

*Joelton Rezende Gomes  
Jussara Santos Pimenta*

### **Resumo**

O referido artigo tem por finalidade analisar, criticamente, a trajetória histórica dos colonizadores da Vila de Rondônia, atual município de Ji-Paraná, a partir dos fatores característicos e formativos das memórias de infância de crianças nipônicas nessa área de colonização. Neste trabalho são apresentados relatos orais coletados e fundamentados nas memórias de brincadeiras, trabalho agrícola, vida escolar e outros itens apresentados pelos participantes. Para tanto, foi realizada uma análise qualitativa em documentos e fotografias apresentadas pelos irmãos entrevistados, entrelaçando as declarações às contribuições de Becker (1990), Borba (2006) Burke (2016), Friedmann (2012), Garrido (2002) e Ianni (1979) para, finalmente, compreender de que forma as vivências e as memórias delas podem se constituir como fontes para a Historiografia da Educação.

**Palavras-chave:** Infância, Memória, História Oral, Migração.

## **Japanese people heading west: Migration and Childhood Memories in Vila de Rondônia in the 1970s**

### **Abstract**

The purpose of this article is to critically analyze the historical trajectory of the colonizers of Vila de Rondônia, current municipality of Ji-Paraná, based on the characteristic and formative factors of the childhood memories of Japanese children in this area of colonization. In this work, oral reports collected and based on the memories of games, agricultural work, school life and other items presented by the participants are presented. To this end, a qualitative analysis was carried out on documents and photographs presented by the interviewed brothers, interlacing the statements to the contributions of Becker (1990), Borba (2006) Burke (2016), Friedmann (2012), Garrido (2002) and Ianni (1979) to finally understand how their experiences and memories can become sources for the Historiography of Education.

**Keywords:** Childhood, Memory, Oral History, Migration.

## **Japonês rumbo al oeste: Migração y Memorias de la Infancia en la Vila de Rondônia en la década de 1970**

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo analizar críticamente la trayectoria histórica de los colonizadores de Vila de Rondônia, actualmente municipio de Ji-Paraná, a partir de los factores característicos y formativos de las memorias infantiles de los niños japoneses en esta zona de colonización. En este trabajo se presentan relatos orales recopilados y basados en memorias de juegos, trabajos agrícolas, convivencia escolar y otros elementos presentados por los participantes. Para ello, se realizó un análisis cualitativo de documentos y fotografías presentados por los hermanos entrevistados, entrelazando las declaraciones con las aportaciones de Becker (1990), Borba (2006) Burke (2016), Friedmann (2012), Garrido (2002) e Ianni (1979)) para finalmente comprender cómo sus experiencias y memorias pueden constituirse como fuentes para la Historiografía de la Educación.

**Palabras clave:** Infancia, Memoria, Historia Oral, Migración.

### **Memórias de Infância e História Oral**

Pretendemos trabalhar nas próximas páginas com as memórias daqueles que foram crianças na área do atual município de Ji-Paraná na década de 1970 e para trabalharmos a temática tomamos como ponto de partida e principais fontes formadoras dessa pesquisa a história oral e as memórias desses sujeitos, os quais pudemos entrevistar recentemente, quando já eram adultos.

No percurso dos anos de formação e com experiências singulares observadas em áreas de colonização, desenvolvemos novas percepções no que tange a História Cultural, a Memória e a História Oral bem diferente das abordagens tradicionais da História que acabam por negligenciar o papel da maioria dos indivíduos anônimos como fazedores da História do seu tempo.

É notório o reconhecimento que atualmente os Estudos Históricos e Culturais não são mais exclusivamente constituídos por informações, relatos e registros dos homens “heróis”, brancos e burgueses. Diante de tais afirmações é que apresentamos os relatos a partir das lembranças de meninice colhidos daqueles que assistiam no silêncio e de forma exclusiva o chamado “progresso” na expansão agrícola da Amazônia. Destacamos nestas páginas as memórias de infância daqueles, hoje adultos, que foram trazidos pelos pais, em

busca de sobrevivência, para a área da antiga Vila de Rondônia (atual Ji-Paraná) e paralelamente analisamos aspectos sociais, políticos e econômicos importantes do período de colonização da região, que se deu sob forte influência governamental durante a década de 1970.

Reforçamos o importante papel da Memória para a produção da oralidade presente nessa pesquisa. É exigido no trabalho com História Oral o conhecimento de quem se propõe a fazê-lo, bem como a cumplicidade somada à escuta sensível e respeito ao relato do outro. Entendemos assim que a História Oral é promotora de aproximações entre História e Memória. Destacamos que essa modalidade de pesquisa se aproxima das lembranças singulares dos indivíduos, mesmo que a História Oral por vezes se afaste da documentação oficial que em muitos casos não traduzem as experiências vividas.

Segundo Portelli (1997), há de se entender que de fato a entrevista é uma forma de invasão à privacidade do outro, pois ela interfere no cotidiano das pessoas e toma o seu tempo. Por isso, o mesmo autor defende que é importante que o entrevistador, durante a sua coleta de relatos se mostre aberto, fale um pouco de si mesmo e evite atitudes impessoais e distantes, pois essas atitudes deixam clara a natureza interpessoal da entrevista de modo que entrevistado e entrevistador estabeleçam uma relação dialógica em que ambos se sentem na liberdade de perguntar e responder.

Sendo assim, as entrevistas e interpretações desenvolvidas a partir dos relatos concentram-se em torno das memórias de dois irmãos que nos relataram as mais diversificadas situações pelas quais passaram desde o deslocamento de sua terra natal, passando pelas dificuldades do trajeto e culminando nas experiências de adaptação e formação de uma identidade híbrida na então Vila de Rondônia. As memórias da vida escolar, das brincadeiras, das dificuldades, da precariedade de recursos irão confirmar o que relata muitos registros oficiais, mas também irão apresentar novos elementos que contribuirão para a formação da historiografia regional.

### **Nipônicos em terras de Rondon.**

A exposição das memórias orais de pessoas desconhecidas rompe com os paradigmas instituídos pela sociedade moderna, que valorizava as grandes narrativas como ícones do passado. As abordagens tradicionais da História, com as quais convivemos durante muito tempo, concentram-se nos feitos dos chamados “grandes homens” (BURKE, 1996) e

acabam por ignorar o papel e a representatividade da maioria das pessoas anônimas como fazedores da História de seu tempo.

Nesse sentido, prezando pelo reconhecimento das histórias privadas, iniciamos o nosso trabalho de abordagem oral a partir de algumas conversas descontraídas com os irmãos nipônicos Alice Eko e Ricardo Eko<sup>1</sup> que migraram para a região da atual cidade de Ji-Paraná em junho de 1973 com a família composta por seis membros (o patriarca, a mãe e outros dois irmãos).

Quanto ao período de migração em que os entrevistados vieram e a região em que se instalaram, sabe-se que a mesma se deu sob a interferência do Governo Federal e foi iniciada a partir da década de 1970, momento em que, segundo BECKER (1990, p. 148), o Estado com um perfil militar-civil procurou centralizar o poder de modo autoritário, promovendo políticas de integração nacional, fomentando, portanto, a migração para a Amazônia como forma de integrar a região e enaltecer a política da “Amazônia para os brasileiros”.

Grande parte dos migrantes veio da região centro-sul, principalmente do Estado do Paraná, como é o caso dos irmãos Eko. Nesse período era grande o número de famílias que chegavam diariamente à região de difícil acesso, já que a viagem partindo de determinadas áreas do país para o atual Estado de Rondônia durava semanas e muitas vezes eram feitas em paus-de-arara e em carros próprios sem muita segurança conforme afirma Alice:

Nós viemos de Maria Helena no Paraná. É uma cidade bem pequena, hoje em dia são mais conhecidas Umuarama e Maringá que ficam lá perto. Naquela época meus pais vieram porque era a época do Governo Militar e eles estavam dando incentivo para doar as terras para o pessoal vir morar aqui, se não me engano eram 42 alqueires que o Governo dava e abria a estrada para o pessoal plantar, cultivar. Meus pais não pegaram terra, eles compraram. De Cuiabá para cá era estrada de chão e a gente veio de camioneta e tinha lugar que era muita areia e naquela época não tinha cinto de segurança e essas coisas. Meu pai colocou um colchão na carroceria com capota e a gente vinha lá atrás dormindo, brincando. Tinha vezes que o carro atolava e tinha caminhão atolado que tinha que desviar e demoramos dias para chegar. Meu pai dirigia nos dias e parávamos para dormir durante a noite e naquela época era o período que estava vindo gente de todo lugar, Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais e a gente aprendeu, conviveu com o pessoal daqui que já tinha vindo antes do Nordeste quando vieram os soldados da borracha. Então a gente teve convívio com esse pessoal de vários Estados (Alice Eko, 2018).

---

<sup>1</sup> Destacamos que não se tratam de pseudônimos pois os nomes reais dos entrevistados foram mantidos na pesquisa com a devida autorização escrita de ambos.

Com base nas declarações de Alice e Ricardo, observamos que a formação da identidade híbrida<sup>2</sup> em ambos se deu de forma mais intensa em dois momentos de suas vidas. Primeiramente ao nascerem em um lar de descendentes de japoneses que viviam no Brasil, os entrevistados já tiveram que aprender a habitar culturas diferentes, ou seja, aquela herdada de seus antepassados orientais e a que era oferecida na região onde estavam estabelecidos, no caso, Maria Helena no Paraná.

Posteriormente ao migrarem para Rondônia os irmãos passaram por mais um processo de adaptação cultural, pois estavam inserindo-se em uma região de fronteira que até aquele momento era desconhecida por ambos.

Nesse sentido, Peter Burke (2016) defende que devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos. (BURKE, 2016, p. 31).

### **A Identidade Híbrida no Processo Migratório.**

Os cidadãos naturalmente apresentam traços identitários que são estabelecidos desde a sua concepção enquanto ser humano. São hábitos, sentimentos e memórias que ultrapassam o campo individual já que é comum que o indivíduo represente a continuidade de seus descendentes.

Neste contexto, destacamos que o fato de o cidadão estar inserido em seu grupo identitário não se descartam as possibilidades de novos encontros e descobertas. Ainda que ocorra a mudança de lugar, conviver com o outro, deixar suas origens familiares não significa deletar sua existência, mas sim agregar àquilo já adquirido com o passar dos anos anteriores aos novos conhecimentos, presenciamos assim uma negociação entre o que ofertado e o que recebido.

---

<sup>2</sup> O termo indica a identidade que se forma a partir dos contatos de diferentes culturas e no local cunhado por Bhabha (1990) de Terceiro Espaço. Segundo o autor, uma nova identidade híbrida emerge do entrelaçamento de elementos do colonizador e do colonizado. Esse espaço forma-se a partir de rupturas e deslocamentos das narrativas coloniais hegemônicas e da cultura do colonizado. Nesse sentido, a Identidade Híbrida é formada pela inata capacidade do homem para atravessar culturas para traduzir, negociar e mediar afinidade e diferença dentro de uma dinâmica de intercâmbio e inclusão.

Conforme Stuart Hall (2015) relata em *A identidade cultural na pós-modernidade*:

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. (HALL, 2015, p.52).

As negociações do hibridismo foram diversas e em distintos momentos. Na alimentação, por exemplo, Alice relata a mudança a qual se submeteram por estarem distantes dos hábitos que eram corriqueiros para eles:

A gente lá convivia no meio da família descendente de japoneses então comíamos mais comidas japonesas quando a gente chegou aqui teve que se adaptar com arroz, feijão, carne e as verduras que era bem poucas porque só alguns plantavam por aqui. Então a gente teve que se adaptar a não comer o que éramos acostumados, só quando alguém ia lá para o Paraná aí trazia ingredientes que dava para fazer as comidas que era nosso costume (Alice Eko, 2018).

Os inúmeros relatos de dificuldades enfrentadas principalmente pelas crianças confirmam-se nos relatos de Alice e Ricardo Eko:

Quando nós chegamos aqui, a ponte já tinha sido concluída, mas antes passava de balsa, a energia era no gerador bem diferente de lá de onde viemos que era energia 24 horas. Aqui ligava a energia de tardezinha e desligava lá pelas dez horas da noite e esse era o período que tinha energia. Trouxemos geladeira e televisão, mas elas só funcionavam esse horário, nós assistíamos o Sítio do Pica-pau amarelo e depois tinha que dormir para ir para a escola então nós não tínhamos conforto de energia 24 horas (Alice Eko, 2018).

Observamos que, embora tivessem o integral apoio dos pais para terem uma infância marcada verdadeiramente pelas coisas de crianças, diferente de muitos pequenos migrantes, os irmãos também vivenciaram dificuldades que outrora no Paraná não era habitual para eles.

### **Migrar para plantar, para plantar desmatar.**

Ao chegarem à então Vila de Rondônia, o patriarca da família, Tadashi Eko, juntamente com a amiga e esposa Rie Itikawa Eko, popularmente conhecida como Amélia (nome típico brasileiro que recebeu dos pais), se dedicaram ao trabalho agrícola e ao comércio. O trabalho no campo era o forte da região e inclusive o desmatamento, que hoje é amplamente combatido pelo poder público, era apoiado pelo Governo Militar.

Sobre as atividades desenvolvidas no campo, Alice se recorda de alguns momentos em que esteve junto aos pais e irmãos na produção agrícola. Recorda-se ainda que era comum o trabalho adulto se tornar uma diversão para os pequenos e compartilha:

Quando a gente chegou aqui meu pai já tinha comprado uma terra ali no 12 (linha rural) com um sócio e a gente comprou também uma terra lá na 17 (linha rural) onde estamos agora. No início lá no 12 (linha rural) desmatou porque naquela época tinha incentivo para desmatar para plantar café, arroz e eu lembro bem que a gente ia lá e tudo era brincadeira. A gente brincava no meio da plantação e no meio do pessoal trabalhando. Todo trabalho dos adultos era para nós uma diversão. Lembro-me que uma vez foram desbrotar café e as crianças iam ajudar, não sei se estava certo ou errado, mas a gente estava lá. Eram quatro crianças da minha mãe e quatro do sócio, então tinham oito crianças lá para fazer bagunça (Alice Eko, 2018).

Como Ricardo e o irmão estavam mais presentes no cenário agrícola por serem meninos, ele recorda e relata acerca da retirada da chamada madeira de lei:

Na época que viemos, as terras eram fechadas e cada dono de terra abria sua área e a madeira de lei muitas vezes era retirada para venda e construção de casas e benfeitorias, mas muitas vezes nas derrubadas as árvores eram colocadas no chão e queimadas para usar a terra. Quando chegamos ao KM 12 meu pai plantou café e capim e na época lá tinha cacau também (Ricardo Eko, 2018).

Complementando o discurso do entrevistado, destacamos que atualmente são grandes as políticas de incentivo a preservação ambiental, bem diferente do cenário que se desenvolveu no norte do Brasil durante o processo migratório de 70. Entretanto, ainda que haja controle sobre a extração de madeira, podemos constatar que a mesma atualmente ocorre de forma intensa conforme relata GARRIDO (2002):

O Manejo da floresta Amazônica está previsto no Código Florestal de 1965, mas somente em 1994 foi exigida a exploração sob forma

sustentável, o que não é cumprida por falta de controle do IBAMA, por não dispor de pessoal suficiente (GARRIDO, 2002, p. 105).

Ricardo Eko relata de forma inibida acerca das suas experiências iniciais envolvendo o trabalho no campo e a violência que acontecia em áreas de apropriação de terras:

Concluí o Ensino Médio e então após isso me dediquei ao trabalho na zona rural. Nessa área que hoje é nossa havia um projeto para ser seringal, mas não chegou a iniciar. Então plantamos capim e arrendamos as terras por um tempo. Algumas terras eram seguradas na carabina. Nessa terra aqui mesmo acontecia muita invasão. Na nossa fundiária mesmo tinham umas sete famílias. Naquela época dava muita morte, pois ninguém tinha documento das terras. Nós chegamos a plantar café aqui um período que era uma bebida fina, mas depois abandonamos (Ricardo Eko, 2018).

Confirmando o relato de Ricardo Eko, IANNI (1979) relata em sua obra “Colonização e Contra Reforma Agrária na Amazônia” algumas questões que se desenvolvem no processo de colonização da região abordada nesse trabalho. Conforme o autor:

A grilagem, a defesa da terra pelo posseiro, a expropriação do índio, a expansão da empresa privada de colonização, a transformação da terra em mercadoria, vários são os processos sociais que tornam Rondônia um território-problema para o poder público. (IANNI, 1979, p. 20).

Ao relatarem sobre o processo de desmatamento e o cultivo agrícola, os irmãos demonstraram-se bastante sensibilizados, pois foi em um acidente de trabalho, em meio a uma derrubada, que o pai dos entrevistados faleceu. Ainda hoje são rotineiras as notícias que relatam acidentes envolvendo esse tipo de atividade no campo. Em Rondônia, municípios como Buritis, Cujubim, Machadinho do Oeste e outros que apresentam correntes migratórias na atualidade, registram elevados índices de óbitos envolvendo derrubadas manuais com a utilização de motosserras e machados.

Com a voz bastante envolvida em sentimentos Alice relata:

Meu pai faleceu um ano depois que a gente tava aqui, em 1974. Ele tava derrubando mato, pois naquela época era derrubar para plantar café, pasto, arroz e foi um acidente. Caiu um pau nele. Ele tinha os peões para trabalhar, ele não precisava fazer, mas ele estava lá e eu acho que era para ser (pausa seguida de lágrimas). Deus escreve tudinho o que é para acontecer, era para ser desse jeito e era para minha mãe criar a gente

sozinha. Foi o período mais difícil para minha mãe né, porque ela teve que cuidar de quatro crianças e estava sozinha. Eu digo que a minha mãe foi a grande heroína da história. Foi mais difícil para ela, pois ela não passou para nós, as crianças, as dificuldades que ela aguentou sozinha (Alice Eko, 2018).

Ricardo Eko reforça que na época abordada pela nossa pesquisa, existiam muitas madeireiras e marcenarias na região. Segundo ele a economia madeireira era forte e como o governo incentivava a derrubada, as pessoas trabalhavam com esse setor e muitos morriam em acidentes com derrubadas.

### **A mulher e a criança: a figura da mãe diante das dificuldades dos filhos.**

Podemos constatar nas palavras cheias de orgulho de Alice Eko o importante papel desenvolvido pelas mulheres no processo de colonização do atual Estado de Rondônia. Ao defender e reconhecer o papel essencial da sua mãe na criação dos filhos, ela comunga com a visão de autores que abordam a representatividade do sexo feminino e que destacam que no meio rural, a mulher na Amazônia e especificamente em Rondônia enfrentou várias situações, no que se refere ao sustento cotidiano de sua família, o machismo, a desvalorização feminina e as lutas pela posse e garantia da terra em que seu marido foi assassinado ou faleceu em acidente de trabalho. Essas mulheres que aqui são representadas pela saudosa Rie Itikawa Eko tiveram que se manterem firmes com seus filhos sobre a sua terra.

**Figura 1: Os irmãos Eko durante visita aos familiares no Estado do Paraná após o falecimento do pai Tadashi Eko. Janeiro de 1977**



Fonte: Acervo pessoal.

Alice relata a bravura de sua mãe ao permanecer-se em uma região tão distante dos familiares e também inóspita naquele período. Ela comenta que houve oportunidades de eles retornarem ao Paraná, entretanto, sobre os episódios, ela declara cheia de orgulho:

Minha mãe criou a gente sozinha, mas não tínhamos que trabalhar, talvez meu irmão que ficava mais com ela trabalhou no comércio, mas a gente tinha o trabalho doméstico e os estudos. Ela falou uma vez que meus avós vieram aqui depois do acontecido (falecimento do pai) e chamaram-na para ir embora, pois ela estava sozinha com essas crianças. Ela disse que não iria, pois o marido havia deixado as coisas para ela aqui então ela ia cuidar das coisas com os filhos. Por isso ela não teve vida fácil aqui e criou a gente. Acho que criou bem, pois não saiu nenhum malandro (Alice Eko, 2018).

Dona Amélia, como era carinhosamente chamada passou a administrar as atividades do comércio que a família possuía, além de delegar as decisões que envolviam a terra que seu esposo deixou. Nesse sentido, destacamos o posicionamento de Giuliani (1997):

Em relação ao papel da mulher no meio rural, esta sempre se fez presente no cotidiano de plantio e colheita, contudo sempre ficando a margem das decisões sem ter este trabalho reconhecido em seu real potencial. Há uma clara distinção entre os limites do lar e do trabalho, entre atividades domésticas e as tarefas agrícolas, entre as responsabilidades na educação dos filhos e da vida comunitária. (GIULANI, 1997, p.645)

Muitas mulheres não possuíam a autonomia e reconhecimento que Amélia passou a ter em suas decisões pois não podemos esquecer que em áreas de colonização e principalmente no contexto da Ditadura Militar no Brasil, a sociedade vivia traços de uma herança machista e patriarcal.

### **Brincar, trabalhar e estudar: ser criança na colonização.**

Sobre as memórias de infância que abordam as brincadeiras, ambos os irmãos relataram lembranças positivas. Alice Eko recorda as brincadeiras que eles tinham no Estado do Paraná e que acabaram trazendo para a Vila de Rondônia quando migraram com a família. Podemos perceber também na fala da entrevistada o respeito e a submissão que ela e os irmãos tinham para com os pais diante das decisões tomadas pelos seus ascendentes:

No Paraná a gente brincava com a bicicleta, com o cachorro, de esconde-esconde, de amarelinha, bets e brincadeiras que hoje já não se brinca mais. Nós chegamos aqui em junho de 1973, eu, dois irmãos, uma irmã e meus pais. Quando me perguntam quando eu vim para cá eu digo que não vim, me trouxeram, pois criança de dez anos naquela época era carregada pelos pais e meus pais trouxeram os quatro filhos (Alice Eko, 2018).

Diante disso, realçamos a importância do mundo externo no auxílio da formação da consciência infantil. Esses universos multiculturais possibilitaram a implantação e adaptação de brincadeiras na realidade vivida naquele contexto. As crianças vivem e revivem a história e as diferentes formas de brincar em diferentes culturas. Nesse sentido, BORBA (2006) destaca:

A experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros – adultos e crianças. (BORBA, 2006, p. 33)

Parafraseando com Friedmann (2012) constatamos ainda que, as crianças que vivem em zonas rurais (cenário semelhante ao de áreas de colonização) misturam brincadeiras com

trabalhos rotineiros, pois eles auxiliam no serviço doméstico, e no trabalho na terra, além de auxiliarem seus pais com os cuidados de animais e com os irmãos muitas vezes. A partir dessa citação acrescentamos uma recordação de Alice quanto aos banhos no córrego Dois de Abril enquanto uma conhecida lavava roupas:

Lembro-me bem que quando a gente tinha horas vagas era tão tranquilo que tinha uma senhora que morava perto, quase em frente lá de casa e ela lavava roupa para fora e minha mãe deixava a gente ir lá ao igarapé do Dois de Abril, que hoje é sujo que só, e a gente ia lá e ela ficava lavando roupas que a água era bem limpinha e a gente ficava lá brincando junto com os filhos dela e era bem divertido (Alice Eko, 2018).

Ricardo e Alice recordam que era necessário fazer um longo percurso para chegarem à escola assim que chegaram do Paraná. Relatam ainda as dificuldades que tinham quanto à estrutura física dos espaços destinados às atividades escolares como se pode constatar a partir dos depoimentos:

Quando chegamos moramos um tempo provisório lá próximo de onde agora é o SUFRAMA (atual segundo distrito) e como a gente ia mudar para aqui onde é a Almirante Barroso (primeiro distrito) então a gente morava lá e vinha estudar antigamente na escola Dom Bosco perto da Catedral, uma escola de quatro ou cinco salas e como naquela época não tinha moto-táxi, circular a gente vinha uma turma de crianças a pé de lá. Aí depois de um tempo a nossa casa ficou pronta e mudamos para perto da escola. Depois mudei para a escola Marechal Rondon, mas eram apenas oito salas. Depois de anos que construíram as outras partes. (Ricardo Eko, 2018).

Os materiais escolares tinha que pedir para fora e o governo não dava material como hoje. Os professores eram pessoas mais velhas então tinham prática de trabalhar sem muitos recursos. Naquela época não tinha a facilidade da internet então era tudo na base dos livros. Naquela época as brincadeiras eram mais tranquilas, pois não havia a violência de hoje, não precisava ninguém ficar vigiando a gente. A gente ia sozinho para a escola, juntava a turma e ia juntos, coleguinhas da mesma escola que morava perto. (Alice Eko, 2018).

Destacamos que nesse período, diferente dos irmãos Eko, muitas crianças ficaram fora das escolas por serem submetidas pelos pais ao serviço no roçado, não por vontade dos genitores, mas pela necessidade de contribuir com o sustento familiar e pela falta de recursos para custear os estudos. Não foram poucas as crianças e adolescentes vitimados também em acidentes de trabalho, em decorrência do exercício de funções impróprias para a idade e das

condições precárias dos locais de trabalho. As atividades desenvolvidas pelos pequenos, que naquele período precisavam ajudar financeiramente a família, traduziram-se, portanto, em sequelas físicas irreversíveis e em casos de mortes prematuras.

### **Considerações Finais**

As memórias que foram partilhadas pelos irmãos Eko apontam para a formação da atual identidade de ambos. Nos relatos e nas expressões dos irmãos é possível constatar o reconhecimento e o afeto que eles desenvolveram principalmente pela genitora, uma vez que na falta do pai foi ela que conduziu os filhos por um caminho de integridade, comprometimento social e moral enquanto cidadãos.

Expostos os resultados das entrevistas juntamente com os referenciais teóricos, acreditamos que o presente trabalho se mostra relevante para os cidadãos migrantes e de forma mais ampla para toda população que demonstre apreço pelo conhecimento histórico da Vila de Rondônia, uma vez que propõe reflexões e discussões que visam colaborar com o enriquecimento da consciência coletiva sobre a identidade e importância da preservação da memória.

Essa relevância se respalda na valiosa experiência do indivíduo através de sua própria cultura e sua transmissão para as gerações futuras onde conforme Peter BURKE (2010), cada cidadão está envolvido na transmissão dessa cultura, ao passo que a própria criação dos filhos necessariamente inclui a transmissão dos valores de sua cultura ou subcultura.

### **Referências**

BHABHA, H. (org.) *Narrating the Nation*. Londres: Routledge, 1990.

BECKER, Berthar K. *Amazônia*. São Paulo: Ática, 1990.

BORBA, Ângela Meyer. *O brincar como um modo de ser e estar no mundo*. In: Ensino Fundamental de Nove Anos. Brasília: FNDE, Estação gráfica, 2006.

BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2016.

FRIEDMANN, Adriana. *O brincar na educação infantil: observações, adequações e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012.

GARRIDO FILHA, Irene. *Manejo florestal: questões econômico-financeiras e ambientais*. Estudos avançados 16 (45), 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n45/v16n45a07.pdf>>. Acesso em: 10 março. 2021.

GIULANI, Paola Cappellin. *Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade Brasileira*. In: História das Mulheres no Brasil. DEL PRIORE, Mary (Org.) São Paulo: contexto, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

IANNI, Octávio. *Colonização e contra reforma agrária na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

*Submetido em fevereiro de 2023*  
*Aprovado em mês de 20XX*

Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Joelton Rezende Gomes  
Universidade Federal de Rondônia  
E-mail: [joe\\_rezende@hotmail.com](mailto:joe_rezende@hotmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7312-6179>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8628657014864935>

Jussara Santos Pimenta  
Universidade Federal de Rondônia  
E-mail: [jussara.pimenta@unir.br](mailto:jussara.pimenta@unir.br)  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5283-2509>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6972809956894530>